

LUGAR, MEMÓRIA E IDENTIDADE: UMA ANÁLISE DAS TRANSFORMAÇÕES DA VILA CEARENSE EM ARAGUAÍNA-TO

Sheyla Gonçalves da Costa Moura
Universidade Federal do Tocantins - UFT
sheyla.gc@bol.com.br

Tânia Maria de Oliveira Rosa
Universidade Federal do Tocantins - UFT
taniarosa10@gmail.com

Luíza Helena Oliveira da Silva
Universidade Federal do Tocantins – UFT
luiza.to@gmail.uft.edu.br

Elias da Silva
Universidade Federal do Tocantins - UFT
esilvageo@mail.uft.edu.br

RESUMO

Este trabalho analisa as transformações na Vila Cearense, localizada na cidade de Araguaína-TO, por consequência do povoamento. Nosso propósito foi compreender o processo de mudança pela ação do homem na natureza. As transformações da paisagem – “como era” (considerando um indefinido tempo do “então”) e “como está” (presente durativo), referente à percepção do espaço vivido por meio de relatos dos moradores da Vila Cearense. Nosso olhar toma a direção pelo viés das narrativas orais, as quais são analisadas com base na semiótica discursiva, em suas reflexões sobre o espaço, no que entendemos ser uma possível aproximação à geografia cultural. Nesse sentido trilhamos uma discussão interdisciplinar para uma reflexão dinâmica e histórica com o enfoque no lugar habitado.

Palavras-chave: Vila Cearense. Território. Espaço transformado. Semiótica do espaço. Narrativas orais.

LOCATION, MEMORIES AND IDENTITY: AN ANALYSIS OF THE VILA CEARENSE TRANSFORMATION IN ARAGUAÍNA-TO

ABSTRACT

This paper analyzes the transformations in Vila Cearense, located in the city of Araguaína-TO, due to the settlement. Our purpose was to understand the process of change through the action of man in nature. The transformations of the landscape – “as was” (considering an indefinite time of the “then”) and “as is” (durative present), referring to the perception of the space lived through reports of the residents of Vila Cearense. Our view is guided by the bias of oral narratives, which are analyzed based on discursive semiotics, in their reflections on space, in what we consider to be a possible approximation to cultural geography. In this sense, we set out an interdisciplinary discussion for a dynamic and historical reflection whit the focus on the inhabited place.

Keywords: Vila Cearense. Territory. Transformed Space. Semiotics of space. Oral Narratives.

INTRODUÇÃO

O espaço é igual à paisagem mais a vida nela existente; é a sociedade encaixada na paisagem, a vida que palpita conjuntamente com a materialidade. A espacialidade seria um momento das relações sociais geografizadas, o momento da incidência da sociedade sobre um determinado arranjo espacial.

Milton Santos (2014)

A organização socioespacial está intimamente ligada às relações representadas por um movimento social, num “arranjo espacial” que produz efeito de lugar habitado pelas dinâmicas de usos em função das demandas dos sujeitos que neles se assentam e transitam. Como categoria geográfica, o lugar é “considerado como um conjunto indissociável de que participam, de um lado, certo arranjo de objetos geográficos, objetos naturais e objetos sociais, e de outro a vida que os preenche e os anima” (SANTOS, 2006, p. 26). Nesse sentido, para compreender um determinado espaço é necessário compreender a dinâmica histórica do lugar levando em conta a “vida que palpita” em uma relação entre os objetos naturais e a ação humana. Tendo em vista que a paisagem é suscetível às transformações, ela funciona como um pano de fundo para a construção da história que constitui um espaço, onde é caracterizado pelo vivido, ou seja, o espaço em uso, um “arranjo espacial” (SANTOS, 2006, p. 73).

Santos conceitua o espaço como uma realidade relacional, que vai se moldando a partir das ações do homem em função de suas demandas e tornando, assim, um conjunto de significantes. Do ponto de vista discursivo, considerando a experiência humana na linguagem, há três diferentes orientações: a primeira, na perspectiva de uma semiótica do mundo natural, considerando o mundo passível de ser interpretado (GREIMAS, 1975); a segunda, da enunciação, tendo em vista os procedimentos de espacialização que, ao lado da temporalização “parecem condicionar toda e qualquer forma de apreensão de nosso estar no mundo, enquanto mundo significativo” (LANDOWSKI, 2012, p. 69); a última apreendendo as dinâmicas da interação sujeito-mundo ou os “regimes de espaço” (LANDOWSKI, 2015).

Seguindo uma abordagem interdisciplinar (POMBO, 2008), mobilizaremos aqui estudos da geografia cultural e da semiótica que se dedica aos problemas do espaço para pensar o processo de urbanização, como um conjunto que engloba a lógica de ocupação e transformação do espaço, por meio das relações entre sujeitos e objetos naturais e culturais. Para isso, partimos do pressuposto de que há muito a refletir sobre as razões que nos levam a ver, a sentir estética e/ou esteticamente um dado lugar, as conformações do espaço, ou a não ver, e não sentir, alheios ao modo como se apresenta diante de nós.

Discutir o espaço habitado evoca uma série de fatores relativos ao processo de povoamento de um espaço/território, dentre eles: o êxodo rural e os movimentos migratórios, que levam pessoas, movidas por um sonho de melhoria de vida, a procurar um novo lugar para habitar. Assim, inicia a busca por um espaço onde possa ter esperança de constituir um lugar de vivência ou até mesmo a luta pela sobrevivência, resultando, dessa forma nos processos de territorialidade: desterritorialização e reterritorialização, que implicam em última instância ações sobre as noções de pertencimento e identidade. Nessa vertente, este trabalho tem como objetivo analisar o processo de ocupação e suas implicações da Vila Cearense localizada na cidade de Araguaína-TO.

A migração é um fator preponderante no processo de urbanização das cidades brasileiras. Esse fenômeno de mobilização espacial da população é desencadeado, principalmente, pelo fator econômico. Na região Norte do Brasil, especificamente no Estado do Tocantins, a expansão demográfica está fortemente ligada à abertura da rodovia Belém-Brasília, que impulsionou o movimento migratório para as cidades do Tocantins, na época Norte do Goiás, incluindo Araguaína, a qual tinha uma melhor propensão ao crescimento econômico. Em função de sua localização às margens da rodovia federal, essa cidade se tornou um centro comercial a atrair um grande contingente de pessoas que vislumbravam nela trabalho e estabilidade financeira,

As ações estatais para Amazônia como a construção da rodovia Belém-Brasília; a concentração de capitais, dos incentivos fiscais e financeiros para agropecuária e melhorias na infraestrutura incentivaram a migração para o município de Araguaína, que em 1960 já possuía população de 10.826 habitantes, sendo maioria (78,8%) residente do campo (SILVA, 2016, p. 7).

Segundo o Censo de 2016 lançado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Araguaína possui uma população de 173.112 habitantes numa área de 4,416 km² com uma densidade populacional de 43,27 hab./km², distante da capital Palmas 384 km. Estes dados gerais são uma rápida informação, mas que situam Araguaína como uma importante cidade do Tocantins e do norte brasileiro, considerando que o índice de urbanização ainda está em plena evolução comparado ao restante do Brasil. No contexto tocantinense, trata-se da segunda mais importante cidade, sendo superada apenas pela capital Palmas. Percebe-se o crescimento razoavelmente expressivo, quando comparamos com o Censo demográfico de 1960 trazido por Silva (2016), tendo em vista o salto de 10.826 para 176.112 habitantes, crescimento este impulsionado principalmente por processos migratórios posteriores à criação da Belém-Brasília.

Todo esse processo impulsionou a vinda de agricultores nordestinos sem terras, na condição de mão de obra barata, migrando para povoados e periferias da cidade na formação de bairros muitas vezes típicos, com as marcas dos habitantes que, com suas práticas, modos de vida e costumes, imprimem características próprias ao lugar, e, até mesmo denominando com adjetivo pátrio referente a sua origem, como é o caso da Vila Cearense, objeto de estudo neste trabalho.

DOS SENTIDOS

Esta pesquisa trata-se de um estudo de caso com abordagem interdisciplinar (POMBO, 2008) de caráter interpretativo, na qual procuramos identificar e analisar as transformações na paisagem espacial da Vila Cearense, decorrente da ocupação do lugar, por meio das memórias narradas pelos antigos moradores da vila. A pesquisa qualitativa se justifica por se caracterizar dentro dos parâmetros de qualidade, cuja a análise considera o contexto, as concepções do individual e o perfil interpretativo. Segundo Chizzotti (2003, p. 221), “o termo qualitativo implica uma partilha densa com pessoas, fatos e locais que constituem objetos de pesquisa, para extrair desse convívio os significados visíveis e latentes que somente são perceptíveis a uma atenção sensível”.

Nessa perspectiva, tomamos como *corpus* para análise neste trabalho um recorte dos dados gerados para pesquisa de mestrado (MOURA, 2018). Trata-se de narrativas de quatro moradores da Vila Cearense, geradas mediante entrevista semiestruturada. As questões que guiaram as entrevistas privilegiaram as percepções dos sujeitos a respeito das transformações da paisagem e do espaço/território por meio da memória.

Considerando o perfil das pessoas, idosas e com baixa escolarização, que poderiam se sentir desconfortáveis com a condição de pesquisados, tomamos o cuidado de adotar o método da conversação para deixá-las à vontade a fim de que falassem naturalmente de suas vivências, tendo em vista que “o pesquisador deve saber sentir o universo afetivo, imaginário e cognitivo do outro para compreender do interior as atitudes e os comportamentos, o sistema de ideias, de valores, de símbolos e de mitos [...]” (BARBIER, 2002, p. 94). Utilizamos pseudônimos na identificação dos depoimentos com o intuito de preservar a identidade dos voluntários da pesquisa.

Para análise dos depoimentos do ponto de vista da compreensão das estruturas narrativas, valemo-nos da semiótica discursiva a partir de trabalhos de Greimas (1981) e Greimas e Courtés (2008). Do ponto de vista das reflexões semióticas mais específicas, mobilizamos os trabalhos de Landowski (2015; 2012) e Silva e Silva (2018).

A semiótica, como teoria da significação, pode contribuir para a compreensão dos relatos do vivido, considerando os efeitos de sentido produzidos no dizer dos pioneiros da Vila Cearense, seus antigos moradores. Em seus relatos, estes rememoram suas experiências em desbravar uma trajetória que engloba suas territorialidades, especialmente no aspecto da luta pela terra,

cujo processo migratório é marcado por práticas de territorialização, desterritorialização e reterritorialização (HAESBAERT, 2006), processo esse alimentador suas histórias e identidades. Tendo em vista a perspectiva interdisciplinar, estabelecemos um diálogo articulando a teoria semiótica, com reflexões sobre as dimensões do espaço geográfico e do espaço em uso a partir das produções de Santos (2014; 2006).

De acordo com o que preconiza a semiótica em sua versão *standard*, a narratividade é de ordem relacional e se verifica nos textos quando ocorre uma transformação do estado inicial ao estado final, dependendo da ação entre sujeitos (destinador e destinatário) e suas relações com os objetos. Para a semiótica, “o esquema narrativo constitui como um quadro formal em que vem se inscrever o sentido da vida” (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 331). O nível narrativo é o que melhor contribuiria, portanto, para a compreensão sobre as transformações dos sujeitos e objetos expressa nos relatos de experiência, na medida em que dizem respeito à transformação do espaço habilitado sob a perspectiva dos sujeitos, na condição de enunciadores.

Partindo do pressuposto de que a narrativa se efetiva pela realização da ação para a transformação do estado, cabe analisar as relações dos moradores da Vila Cearense, tanto com os objetos naturais do espaço, como com os sujeitos que comungam do mesmo espaço e objetivo de vida, como actantes¹ das narrativas e agentes transformadores do espaço em que habitam. Assim, mobilizamos a semiótica do espaço, partindo das concepções de Landowski (2012, p. 69) quando afirma que “nossa própria prática de espaço-tempo, reconstituída sob a forma de uma espécie de narrativa em episódios, que vai nos servir como fio condutor, ao mesmo tempo como meio de acesso a um certo vivido”. No caso dos moradores da vila ora analisada, os relatos nos conduzem, por meio das memórias, a uma trajetória vivida que marca a conquista do espaço e suas ações transformadoras, considerando as concepções de Santos: “O espaço não é uma coisa nem um sistema de coisas, senão uma realidade relacional: coisas e relações juntas” (SANTOS, 2014, p. 30).

Nessa direção abordamos, “o espaço *experimentado* do movimento dos corpos” aquele que “traduz a dinâmica das relações sensíveis entre si e o outro” (LANDOWSKI, 2015, p. 10), o espaço em uso e suas transformações recorrentes de ações humanas. Enfatizamos aqui como as memórias dos moradores da Vila Cearense, externadas em relatos de experiências, traduzem as transformações do espaço, de um período fortemente natural ao espaço habitado, e constantemente transformado, na expressão da dinâmica de suas próprias histórias vividas.

TERRITÓRIO, ESPAÇO, LUGAR: HISTÓRIAS VIVIDAS

A Vila Cearense situa-se à margem da Belém Brasília, que corta a cidade de Araguaína, ficando ao lado oeste da cidade, onde a predominância é de residências com pouca área comercial. Oriunda de ocupações irregulares, começou a ser habitada na década de 1970 e a partir de 1974 persiste uma luta pela regulamentação fundiária² das propriedades.

A espera da regulamentação perdura até este ano de 2017, quando o governo do Estado regularizou três vilas no município de Araguaína, dentre elas: a Vila Cearense, em uma área de 30.218,00 m², onde cerca de 83 (oitenta e três) famílias foram beneficiadas. O cadastramento foi realizado, tomando como base a Lei de doação nº 3.109, de 18/05/16 – DOE nº 4.624 de 19/05/16, dos terrenos que eram de propriedade do Executivo, regulamentados pelo decreto nº 5.568, de 13 de janeiro de 2017, publicado no Diário Oficial do Estado do Tocantins (DOE-TO), em 31 de janeiro de 2017, conforme veiculado na mídia, “O governador Marcelo Miranda assinou na manhã desta terça-feira, 31, um decreto que regulariza os bairros: Vila Norte, Vila Cearense e Vila Piauí, no município de Araguaína (SOUZA, 2017).

²O conceito de regularização fundiária está previsto no artigo 46 da Lei nº 11.977/2009, que consiste no conjunto de medidas jurídicas, urbanísticas, ambientais e sociais que visam à regularização de assentamentos irregulares e à titulação de seus ocupantes, de modo a garantir o direito social à moradia, o pleno desenvolvimento das funções sociais da propriedade urbana e o direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado.

Silva (2016, p. 100) afirma que “uma das peculiaridades de Araguaína foi a rápida transmutação de povoado de fronteira agrícola para a cidade média, com veloz expansão urbana”. Essa expansão acelerada e desordenada, desencadeou em um crescimento urbano decadente e trouxe uma série de complicações oriundos da ausência das políticas públicas de urbanização durante a ocupação. Consequentemente, são os moradores que vivenciam todas as dificuldades no processo de assentamento em um determinado território e carregam marcas dessa história de luta em suas vidas.

No caso dos moradores da Vila Cearense, a luta pela apropriação legal do lugar levou mais de quarenta anos. A conquista por um reconhecimento do espaço territorial como propriedade e ao mesmo tempo se reconhecer pertencente a um lugar enquanto morador, representa uma conquista importante e marca um desfecho de um longo período de espera para garantir o seu lugar. Conforme expressado no depoimento de um morador, em entrevista concedida à Secretaria de Comunicação Social do Tocantins.

Estou muito grato e feliz com esta ação do Governo. Finalmente vou realizar meu sonho de ter o documento do meu imóvel”, a comemoração do aposentado Francisco Xavier representa a satisfação de mais de 600 famílias que terão seus imóveis regularizados com a ação de cadastramento que está sendo realizada pelo Governo do Tocantins, por meio da Companhia Imobiliária do Tocantins³.

Percebemos que a regularização fundiária é um dos aspectos que se conjuga com outros sonhos e expectativas dos moradores da Vila Cearense: a regularização de seus imóveis é de suma importância, mas é só o começo e faz parte da coletividade, conforme reitera um dos moradores: “Finalmente vou realizar meu sonho de ter o documento do meu imóvel”.

A toponímia da vila guarda o lugar de origem dos migrantes, mas também um modo de organização identitária no novo espaço ocupado. Esse novo se assenta, pois, numa memória partilhada por sujeitos, que guardam sonhos e problemas comuns.

Conforme Tuan (1983, p. 208),

A rua onde se mora é parte da experiência íntima de cada um. A unidade maior, o bairro, é um conceito. O sentimento que se tem pela esquina da rua local não se expande automaticamente com o passar do tempo até atingir todo o bairro. O conceito depende da experiência, porém não é uma consequência inevitável da experiência.

Ainda que Tuan (1983) acentue a relação no espaço como algo vivido de forma singular, não se exclui o atravessamento pelo coletivo. A Vila Cearense se aproxima desse aporte teórico como uma singularidade de vida de Araguaína, atravessada pela dimensão histórica da luta pela terra e a construção coletiva da ideia de pertencimento.

O depoimento de uma moradora, voluntária nesta pesquisa reitera a felicidade expressada pela conquista do registro do loteamento,

Eu tenho 61 anos, graças a Deus e estou contando a vitória que Deus deu pra nós, né, porque é sinal que nós estamos vivendo, graças a Deus 40 (quarenta) anos de espera, nós fomos assinar antonte as escrituras. Só tô esperando botar em mãos. [...] Agora vai ser mesmo original, não vai ter problema porque tem desses que é político, mas agora é reconhecido no cartório, firma, tudo. [...] Tá todo mundo feliz, porque a gente sabe que ninguém tira ninguém, mas você morar num lugar que não tem documento suficiente pra dizer esse aqui é registrado. Não é fácil né. Nós estamos esperando essa vitória. (MARIA, 2017).

³Cf. <http://secom.to.gov.br/noticia/2017/3/23/governo-do-tocantins-inicia-regularizacao-de-imoveis-em-araguaina/>. Acesso em 28 ago. 2017.

A narrativa acima revela o sentimento de satisfação pela conquista de ter seu lugar de moradia legalizado, um anseio que durou quatro décadas sobrevividas sob as incertezas e angústias vividas pelo não pertencimento pela propriedade daquele lugar. Para a moradora Maria, tornar-se efetivamente proprietária do seu terreno é receber o documento de legítima proprietária. “Só tô esperando botar em mãos [...] Agora vai ser mesmo original”, o relato evidencia a transformação da moradora, sua postura e seus projetos vão se adequando à nova realidade de dona de fato do seu lugar.

Essa nova perspectiva de moradora, proprietária do seu imóvel, se dá tanto pelo sentimento de segurança, como pelos benefícios futuros, como afirma Raimundo Lopes, Presidente de Bairro da Vila Cearense (MACEDO, 2017, s/p): “a regularização não traz apenas segurança jurídica. Agora, regularizado nós podemos fazer financiamento, construir uma casa melhor”.

No contínuo da cidade, compreendemos que esse espaço poderia ser compreendido como aquilo que Landowski denomina como “voluta”, o espaço experimentado por meio do movimento, das dinâmicas interativas que torna “um espaço que, “pela intimidade do real, pode levantar nosso ser íntimo”, através de práticas esteticamente ajustadas à *dinâmica do outro*, qualquer que seja ele” (LANDOWSKI, 2015, p. 22). É, portanto, dos movimentos dos corpos no processo interacional que medeia a habitação do espaço, que este é reconhecido como lugar, conforme Tuan (1983, p.7): “o que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor”.

Esse movimento interacional constituído das ações humanas, das organizações sociais, das relações dos sujeitos com os objetos naturais consiste num processo de transformação do espaço, que por sua vez passa a ser o lugar das realizações, ou seja, o espaço praticado e habitado de onde emerge sentidos, significando a vida das pessoas que têm suas ações, valores e linguagem imbricados no lugar.

Nessa lógica de ocupação, de organização, como “arranjo social”, é que analisamos a ação dos homens para se assentarem em um determinado lugar, o espaço habitado, que vai se reconfigurando com o passar do tempo e com a história de vida das pessoas. Constroem dessa forma uma história na qual o lugar faz parte como adjuvante das realizações e transformações, desempenhando um papel importante na vida dos sujeitos ali instalados.

Antônio Jozimar, em entrevista concedida à Assessoria de Comunicação do Tocantins, discorre a respeito de como o processo de interação com o lugar ressignifica o tempo e o espaço. O morador relata que chegou do Ceará, em 1972, com dez pessoas de sua família e se instalou naquelas terras, a atual Vila Cearense. Expressa sua satisfação por fazer parte da história do lugar, acentuando o prazer na nomeação (SOUZA, 2017, s/p): “tenho muito orgulho de ter sido um dos primeiros moradores, até demos nome à Vila!”. Nas palavras de Jozimar, o lugar é figura central na narrativa, e o gesto fundante da ocupação se acha na própria nomeação.

Para Greimas e Courtés (2008, p. 178), “convém considerar os sujeitos humanos que são usuários do espaço, os seus comportamentos programados são examinados e relacionados com o uso que fazem do espaço”, o que nos leva a firmar que os espaços influenciam também as ações humanas. É nesse processo de adaptação, que tanto a natureza é modificada em consequência da transformação humana, que ocorre um constante processo de construção de identidade indissociável ao espaço produzido, como resultado da conquista territorial.

A desterritorialização e reterritorialização (HAESBAERT, 2002) fazem parte da construção de uma memória individual e coletiva de um povo e de sua história, que numa relação com o outro e com o lugar, constitui o seu espaço se adequando de acordo com as demandas, em uma dinâmica interativa por meio das ações do homem com os sujeitos e objetos, conforme pontua Santos (2014, p. 97), “a relação com a natureza vai registrando, incorporando a ação do homem, dele adquirindo diferentes feições, que correspondem às feições do respectivo momento histórico”.

A territorialidade assim deve ser entendida como resultado do processo de luta e significados em relações de poder para construir o significado da identidade territorial com o lugar de pertencimento, expressas nas posses (i) materiais individuais e coletivas, particularmente no âmbito da nossa pesquisa com os moradores da Vila Cearense. Nesse sentido são oportunas

as afirmações de Saquet (2007, p. 158): “[...] Os elementos basilares do território, as redes de circulação e comunicação, as relações de poder, as contradições e a identidade, interligam-se, fundem-se umas nas outras numa trama relacional”. Dessa forma, os sujeitos deixam suas marcas no processo de construção do lugar, por meio da relação entre o espaço físico e o espaço produzido mediado pelas práticas culturais (i) materializadas. Com o intuito de compreender como ocorreu o processo de transformação do espaço da Vila Cearense, analisamos os relatos dos moradores que são pioneiros, tendo em vista que o movimento migratório na ocasião era movido pela busca por um lugar para viver melhor.

POVOAMENTO DA VILA CEARENSE: MEMÓRIAS NARRADAS

A memória configura-se como um mecanismo capaz de relacionar fatos vividos com os atuais, construindo, assim, sentidos para o presente. Ao mesmo tempo, a memória só pode ser concebida como ação do presente, reconfigurando sentidos para o vivido. Nesse sentido, a memória não retoma as coisas tais como elas foram, mas como elas se parecem ao sujeito da lembrança. Sem poder dar conta da totalidade da experiência, o sujeito retoma o que teve a força do acontecimento (ZILBERBERG, 2011, p. 25), a ponto de manter-se como saliente, resistindo às forças do esquecimento e da nulidade:

Há, pois, uma direção que se impõe ao vivido, considerando as experiências tidas como significativas pelo sujeito, num estilo descendente, que vai da tonicidade (exacerbação) para a atonia que pode incidir sobre a nulidade da minimização. Para a possibilidade da memória é necessário, portanto, retomar aquilo que de certo modo ainda não se encontra totalmente anestesiado, no caminho contrário ao da atenuação, visando ao restabelecimento do que aconteceu (SILVA, 2016, p. 148).

As lembranças como componentes da memória são reproduzidas e materializadas por meio das narrativas orais que se valem da linguagem para expressar valores e significados aos costumes, tradições, crenças como princípios norteadores de vida dos moradores da Vila Cearense. Neste sentido, são expressões das experiências, sensações e emoções na apreensão da realidade.

As histórias narradas nos mostram que o tempo e espaço compõem uma singularidade da construção cotidiana de um grupo de pessoas marcadas por histórias de vida que se identificam.

Em termos da semiótica do espaço, a narratividade busca analisar a sucessão e encadeamento das transformações. Segundo Greimas e Courtés, o espaço faz parte da semiótica do mundo que compreende tanto as significações do mundo natural, como os comportamentos do homem explorador do espaço e, nesse sentido a semiótica “procura explicar as transformações que a semiótica natural sofre graças à intervenção do homem” (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 178).

Projetamos aqui os moradores da Vila Cearense como agentes transformadores que também sofrem transformações, pois a partir da afetividade que criam com o lugar, por meio de suas interações com sujeitos e objetos, constroem suas memórias, atribuindo valor onde vivem e como vivem. Com efeito, esse agir no mundo resulta no acúmulo de experiências que vão subsidiar as relações com o outro e consigo mesmo durante a vida, pois, conforme afirma Tuan, “A experiência está voltada para o mundo exterior. Ver e pensar claramente vão além do eu” (TUAN, 1983, p. 10).

Com o intuito de compreender os processos de transformações da Vila Cearense desenvolvemos uma análise que toma o sujeito como transformador do espaço em lugar, de acordo com as necessidades de adequação para o uso. Para Ligia Saramago,

[...] esse espaciar, no sentido de “fazer espaço” para algo ou mesmo “arrumar”, não deve ser compreendido aqui como simples dispor dos objetos em alguma posição: antes, o espaciar – compreendido como a liberdade de doar, ou conceder, espaço como alojamento - é um existencial que torna possível o conceito de lugar (SARAMAGO, 2008, p. 119).

Isso ocorre porque as instalações incidem em um conjunto de ações transformadoras que ao mesmo tempo em que mudam o lugar, os próprios sujeitos são por ele modificados, o que incide na construção de sentidos e de identidade dos novos moradores que chegam. Podemos observar algumas transformações a partir de alguns excertos que expressam as mudanças com o povoamento da Vila Cearense,

Tô com 40 anos aqui. Eu cheguei aqui, tinha um barracinho de palha ali e Seu Tinoco, com a casinha de tijolo e metade de tabua. Aqui na Vila Cearense não tinha mais que duas cainhas. [...] Aqui mesmo na Vila Cearense só tinha duas que era uma invasão, mas eu comprei um lote aqui e fui fazendo esse barraco de taboa, de palha de tudo até que eu consegui... meu filho que me deu essa casa, fez e me deu. Tudo aqui era pau... Aí fiquei mais meus filhos... aí pronto, até hoje graças a Deus, tô vivendo aqui feliz aqui (BENTA, 2017).

A narrativa mostra como foi se dando a transformação do espaço mediante sua apropriação e ressignificação: “Aqui mesmo na Vila Cearense só tinha duas casas que era uma invasão”. Vimos que a ocupação ocorreu de forma irregular, de modo que, as pessoas foram adequando o espaço e se adequando a nova vida. Assim, a família de Dona Benta se apropria de um pedaço de terra numa ação existencial de “fazer espaço”: “eu comprei um lote aqui e fui fazendo esse barraco de taboa, de palha, de tudo até que eu consegui...”. Esse “fazer” seu próprio espaço, um lugar para morar, uma conquista imbricada de sentidos, consiste em um conjunto de ações humanas sobre a natureza, a fim de suprir as condições necessárias para viver, tais ações implicam nas relações com os objetos naturais e com os sujeitos ali presentes, num esforço para construção do seu lugar próprio. Do ponto de vista da figurativização desse momento, observamos figuras que remetem à precariedade das condições de vida. O lugar era então esparsamente ocupado, com poucas e frágeis residências. Adquirir um espaço para viver era apenas a primeira ação, demandando condições de habitá-lo.

O sentimento de felicidade expressado por Dona Benta denota o encontro de si mesmo com o tempo e com o espaço, em uma relação conjuntiva com o lugar, ou podemos dizer de ajustamento na “dinâmica que articula o fazer junto, ao mesmo tempo concomitante e recíproco” (LANDOWSKI, 2015, p. 20). Considerando que “o espaço não surge diante de nós como extensão ou como jogo de relações entre os objetos que o constelam, a não ser a partir de nós, no momento em que nos apreendemos como presentes a nós mesmos em nossa relação com uma exterioridade” (LANDOWSKI, 2012, p. 68), entendemos, que aqui se apresenta uma relação de reciprocidade, como se o espaço fosse uma alteridade amigável, um parceiro que contribui para o estado atual de sujeito em conjunção com a felicidade, que se acentua na fala da moradora pela reiteração do advérbio de lugar: “tô vivendo aqui feliz aqui”.

Esse movimento migratório atraiu novas famílias, o que desencadeou um processo de povoamento, apropriando-se do espaço por uma produção territorial dinâmica, mediante relações conflituais ou cooperativas, mas com o objetivo comum, que é o viver bem. Desse período, ficou registrado na memória dos moradores a história de persistência, da resiliência, e sobretudo da esperança, como mostram os relatos seguintes.

Cheguei aqui em 1970, e só tinha barraco de palha e de tábuas. Era só aquela lama. O barro da cor de sangue de boi. Aqui não tinha água, aí nós pegava água no Mineirão. [...] A energia chegou primeiro, depois fizeram a instalação da água (JOÃO, 2017).

Aqui mudou muito... hoje não tem uma casa de tábuas, hoje não tem uma casa de palha, é tudo construída. Antes só tinha lama, poeira, quer dizer, não tinha tanta poeira não, porque chovia... chovia três dias encaixado sem parar. Aí era lama pra todo lado, lama, lama... As coisas mudaram muito, antigamente chovia mais. Essa vila aqui no começo, era sofrimento. Sofrimento mesmo tanto buraco na rua aí, era tanto mato... pra todo lado era mato, e era ruim demais. Aqui pra traz tinha mato, pra frente tinha mato e hoje, não tem mais mato, é tudo construído, agora é mais quente. Ave Maria! tá quente demais, acabou as árvores. [...] Era ruim, mas assim, era ruim e era bom, porque tinha paz né, tinha fruta, todo mundo era amigo e todo mundo se conhecia (BENTA, 2017).

Os relatos retratam um espaço transformado pela dinâmica da interação e integração da natureza com o ser humano. João relata as dificuldades na adaptação ao novo lugar: “só tinha barraco de palha e de tábuas. Era só aquela lama. O barro da cor de sangue de boi”, a precariedade das moradas, das ruelas descritas nos leva, por meio da memória, para uma paisagem natural sendo moldada pelas mãos do homem. As famílias se alojam ali, sem planejamento, sem apoio, mas movidos pela vontade de ter e pertencer ao seu próprio espaço e construir um lugar para chamar de seu. Tendo como aliados os objetos naturais propensos às transformações, por meio do trabalho, as famílias foram assentadas. Assim, “o arranjo de um lugar, pela aceitação do novo, vai depender da ação dos fatores de organização existentes nesse lugar, quais sejam, o espaço, a política, a economia, o social, o cultural” (SANTOS, 2014, p. 106).

Ainda que a ausência de políticas públicas no processo de urbanização da Vila Cearense seja uma realidade que reflete até os dias atuais, como: as marcas do sofrimento de um povo, dentro de uma lógica organizacional de comunidade, as famílias foram buscando melhoria, conforme narrativa: “A energia chegou primeiro, depois fizeram a instalação da água”, segundo João. Tais transformações também incidem na reação da natureza, como resposta a ação do homem que almejava realizar seu sonho e desejo de ter e pertencer a um lugar.

Quando Benta fala das mudanças do lugar, com substituição de construções de palha e madeira pelas de alvenaria, com vielas vicinais recebendo asfalto e a urbanização expulsando as árvores, também relata as consequências dessas mudanças: “Antes só tinha lama, poeira, quer dizer, não tinha tanta poeira não, porque chovia... chovia três dias encaixado sem parar. Aí era lama pra todo lado, lama, lama... [...] pra todo lado era mato”. Ao mesmo tempo, a percepção de que chovia mais então que agora pode remeter a mudanças do ciclo de chuva, afetando o clima e a temperatura, como efeitos das mudanças do espaço habitado.

Embora eufóricos quanto à conquista da terra e as transformações visíveis na qualidade das residências, acentuadas tanto por Benta como João, a ocupação não planejada reverbera na infraestrutura urbana decadente traz malefícios para a população. Nesse sentido, Benta sente as consequências das transformações do espaço praticado e em uso, o que faz com que em outro momento suas memórias tragam à tona um sentimento ambíguo: “Era ruim, mas assim, era ruim e era bom, porque tinha paz né, tinha árvore, tinha fruta, todo mundo era amigo e todo mundo se conhecia”.

Pelas experiências vividas dos moradores da Vila Cearense, podemos depreender que é da natureza que suscita a vida, mas são as ações do homem que a animam. Assim, transforma-se espaço em lugar, onde as histórias são vividas, numa dinâmica interacional: homem e natureza é como em uma orquestra que harmoniza todas as esferas da vida, nos arranjos sociais, na melodia do sentido expressa no seu modo de vida, no tempo e no lugar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As memórias dos moradores da Vila Cearense, expressas por meio das narrativas orais, relatam a forma como esses sujeitos percebem o espaço e como eles se assentaram em um determinado território por meio do processo de sua ocupação, tornando-o lugar de morada. Em nosso campo, observamos um fenômeno social que provoca a transformação da paisagem a partir do movimento interacional com os objetos naturais e entre os sujeitos que comungam do mesmo anseio de pertencimento a um lugar, o que incide na construção de identidade de habitantes de um novo território.

Em busca de sua identidade no mundo como pessoa, morador, cidadão, as famílias desenvolviam um sentimento de pertencimento para se sentirem seguras em sua nova morada, conforme afirma Landowski (2002, p. 71), “toda construção identitária, toda “procura de si” passa por um processo de localização do mundo”.

As narrativas analisadas desvelam alguns dos processos de transformação do espaço e das identidades dos sujeitos da Vila Cearense. Entendemos ainda como essencial o papel social de políticas públicas que regularizam documentos de imóveis e viabilizam recursos mínimos para que as famílias vivam em uma condição urbana de identidade cidadã. No caso dos moradores da vila, o sentimento de pertencimento encontra sua legitimação com a regularização fundiária, essencial para a estabilidade da posse.

Retomando aqui as palavras de Santos (2014), citadas como epígrafe neste trabalho, ao expressar que a vida anima o espaço e a transforma a partir de um “arranjo espacial”, compreendemos a lógica do movimento de ocupação de um determinado espaço, como elemento transformador do espaço. A transformação para o lugar de pertencimento é, portanto, resultado de uma história de lutas e interações entre os sujeitos que lutaram por um bem comum: a conquista legal da terra para morar e se reproduzir em seus princípios de vida.

Tais mudanças devem nos direcionar para a necessidade de um olhar reflexivo ao processo de urbanização, que vão metamorfoseando os espaços de maneira desajustada e comprometedor, na qual quem sofre a consequência é o próprio homem, pela forma com que usa o espaço. Assim, se faz necessário um movimento não apenas de assentamento das pessoas no lugar, mas de um despertar da consciência para o uso equilibrado da natureza, considerando que, “o espaço, por conseguinte, é isto: um conjunto de formas contendo cada qual frações da sociedade em movimento. A forma, pois, tem um papel na realização social (SANTOS, 2014, p. 31).

Sentir-se integralmente parte de uma determinada comunidade é sempre um devir, isso quer dizer que, essa conquista da segurança jurídica não resolve todos os problemas sociais da vila, como o poder público enfatiza em seu discurso, como uma conquista que se encerra com a legalização dos terrenos. Muito ao contrário, começa aí outra batalha em busca dos benefícios básicos à uma comunidade que foram subjugados durante tanto tempo e que marcou a história de vida das famílias da Vila Cearense.

REFERÊNCIAS

- AUGÉ, M. **Para que vivemos**. Lisboa: 90º, 2007.
- BRASIL. IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Senso 2016**. Brasília: Secretaria Federal de Pesquisa, 2016.
- GREIMAS, A. J.; COURTÉS, J. **Dicionário de semiótica**. São Paulo: Contexto, 2008.
- GREIMAS, A. J. **Semiótica e ciências sociais**. São Paulo: Cultrix, 1981.
- _____. **Sobre o sentido**. Petrópolis: Vozes, 1975.
- HAESBAERT, R. **Territórios alternativos**. São Paulo: Contexto/EdUFF, 2002.
- LANDOWSKI, E. Regimes do espaço. **Galaxia**, São Paulo, v. 15, n. 29, p. 10-27, jun. 2015.
<https://doi.org/10.1590/1982-25542015122804>

_____. **Presenças do outro**: ensaios de sociosemiótica. Trad. Mary Amazonas Leite de Barros. São Paulo: Perspectiva, 2012.

MACEDO, R. **Valderez comemora regularização da Vila Norte, Vila Piauí e Vila Cearense em Araguaína**. Disponível em: <http://araguainanoticias.com.br/noticia/20696/valderez-anuncia-regularizacao-da-vila-norte-vila-piaui-e-vila-cearense-em-araguaina/>. Acesso em 06 jan. 2018.

MOURA, S. G. C. **Reterritorialização, identidades e memórias dos moradores da vila Piauí e da vila Cearense** – Araguaína – TO. 2018. Dissertação (Mestrado em Estudos de Cultura e Território) – Programa de Pós-graduação em Estudos de Cultura e Território, Universidade Federal do Tocantins, Araguaína.

POMBO, O. Epistemologia da interdisciplinaridade. **Ideação**, v. 10, n. 1, 2008.

SANTOS, M. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. 4. ed. São Paulo: EDUPS, 2006.

_____. **Metamorfoses do espaço habitado**: fundamentos teóricos e metodológicos da Geografia. 6. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2014.

SAQUET, M. A. **Abordagens e concepções sobre território**. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

SARAMAGO, L. **A “Topologia do ser”**: lugar, espaço e linguagem no pensamento de Martin Heidegger. Rio de Janeiro: Ed. PUC Rio; São Paulo Loyola, 2008.

SILVA, L. H. O.; SILVA E. Espaços e sentidos em disputa: confrontos na praça e no *Facebook*. **Texto Livre**, Belo Horizonte, v. 11, n. 2, p. 248-263, mai.-ago. 2018.
<https://doi.org/10.17851/1983-3652.11.2.248-263>

SILVA, R. A. **Desigualdade socioespaciais na cidade média de Araguaína**. 2016. 58 f. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade Estadual do Ceará, Ceará, 2016.

SILVA, L. H. O. Memórias da guerrilha: acontecimento e história. In: MENDES, C. M.; LARA, G. M. P. (Org.). **Em torno do acontecimento**: uma homenagem a Claude Zilberberg. Curitiba: Appris, 2016, p. 141-162.

SOUZA, J. **Governo do Tocantins inicia regularização de imóveis em Araguaína**. Disponível em: <https://portal.to.gov.br/noticia/2017/3/23/governo-do-tocantins-inicia-regularizacao-de-imoveis-em-araguaina/>. Acesso em 06 jan. 2018.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. Trad. Livia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1983.

ZILBERBERG, C. **Elementos de semiótica tensiva**. Trad. Ivã Carlos Lopes, Luiz Tatit, Waldir Beividas. São Paulo: Ateliê Editorial, 2011, 302p.

Recebido em: 01/03/2018

Aceito para publicação em: 04/04/2019